



**Comunicação,  
Cultura e  
Mídias  
Sociais**

**XIV  
Congresso  
Ibero-  
Americano de  
Comunicação**

**IBERCOM  
2015  
Anais**

Richard Romancini

Maria Immacolata Vassallo de Lopes  
(organizadores)

LIVRO DE ANAIS

---

COMUNICAÇÃO,  
CULTURA E  
MÍDIAS SOCIAIS

---

**XIV Congresso  
Ibero-Americano  
de Comunicação  
IBERCOM 2015**

**Richard Romancini**

**Maria Immacolata Vassallo de Lopes**

Organizadores

**Richard Romancini**

Edição Científica

**Tony Rodrigues**

Projeto Gráfico e Diagramação

**André Drumond Ortega**

**Giulia Bonfiglioli**

**Haline Aparecida de Oliveira Floriano**

Revisão

**Catálogo na Publicação**  
**Serviço de Biblioteca e Documentação**  
**Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**

C749a Congresso Ibero-Americano de Comunicação (14. : 2015 : São Paulo) – IBERCOM 2015

Anais do XIV Congresso Ibero-Americano de Comunicação IBERCOM 2015 :  
comunicação, cultura e mídias sociais / Richard Romancini, Maria Immacolata Vassallo de Lopes  
(organizadores) – São Paulo: ECA-USP, 2015.

7714 p.

Trabalhos apresentados no congresso realizado de 29 de março a 02 de abril de 2015,  
Escola de Comunicações e Artes/USP, São Paulo.  
ISBN 978-85-7205-150-7

1. Comunicação – América Latina - Congressos 2. Comunicação – Península Ibérica – Congressos  
I. Romancini, Richard II. Lopes, Maria Immacolata Vassallo de

CDD 21.ed. – 301.16

Promoção e realização:



---

# Produção intelectual em rádio: estudos contemporâneos

## *Intellectual production in radio: contemporary studies*

LUCIANO VICTOR BARROS MALULY<sup>1</sup>

WILTON GARCIA<sup>2</sup>

---

**Resumo:** Este artigo relata a experiência desenvolvida na Rádio USP 93,7 FM, emissora educativa ligada à Universidade de São Paulo (Brasil), em 2014. A proposta foi a produção de um programa radiofônico acerca dos chamados *estudos contemporâneos*, com o objetivo de indicar ao público determinadas possibilidades de elaboração do pensamento atual, como produção do conhecimento da comunidade acadêmica. A base teórica foi construída após a recuperação do artigo *A Tomada do Rádio e da Bastilha por Walter Benjamin* (1989), de Celso José Loge, que discute a disseminação de ideias a partir da democratização do Rádio, tendo como base a palestra radiofônica de Walter Benjamin para o público infanto-juvenil cujo tema foi a Tomada da Bastilha. A possibilidade da construção de um canal educacional para a divulgação científica foi o principal resultado alcançado pela experiência, cuja peça sonora serve como referência para estudantes, docentes, pesquisadores e profissionais diante da multiplicação do saber.

**Palavras-chave:** Estudos Contemporâneos. Palestra Radiofônica. Radijornalismo. Rádio USP 93,7 FM.

**Abstract:** This paper reports the experience developed on Radio USP 93.7 FM, educational station connected to the University of São Paulo (Brazil) in 2014. The proposal was to produce a radio program about the so-called *contemporary studies*, in order to indicating to the public certain development opportunities of current thinking, as production of the academic community knowledge. The theoretical basis was built after the retrieving of *The Taking of Radio and the Bastille by Walter Benjamin* (1989), José Celso Loge, discussing the spread of ideas from the democratization of Radio, based on the radio lecture Walter Benjamin for children and youth whose theme was the Bastille taking. The possibility of building a educational channel for science communication was the main result achieved by experience, the sound piece serves as a reference for students, teachers, researchers and professionals on the multiplication of knowledge.

**Keywords:** Contemporary Studies. Radiophonic lecture. Radio journalism. Radio 93.7 FM USP.

---

1. Doutor em Ciências da Comunicação e professor, ambos na ECA-USP (lmaluly@usp.br).

2. Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, professor na FATEC Itaquaquecetuba e no Mestrado em Comunicação e Cultura da Uniso (wgarcia@usp.br).

## INTRODUÇÃO

**O** QUE E *como as pessoas pensam* são indagações dos comunicadores quando se deparam com diversos fatos do cotidiano, sendo que várias dessas contribuições estão vinculadas ou mesmo restritas ao universo acadêmico. Possibilitar ao acesso a esse conhecimento é um desafio aos comunicadores. A aventura se faz pela combinatória de se expor, publicamente, um volume enorme de informações para que a mensagem possa abstrair o deslocamento necessário à atenção. Nesse aspecto, o rádio possui características, como a do baixo custo, que auxiliam os intelectuais nessa possível aproximação com o público (ORTRIWANO, 1985, p. 78-81).

Foi assim que o rádio permitiu aos pensadores, particularmente aos professores e pesquisadores, revelarem trabalhos científicos e filosóficos, antes restritos aos letrados por meio de artigos e ensaios. Um trabalho árduo e difícil aos comunicadores que buscam formas de encontrar uma linguagem facilitadora à compreensão, por exemplo, de termos técnicos e específicos.

A divulgação científica já integra o cronograma das pesquisas, sendo um fator fundamental para o resultado do trabalho. Por isso, os pesquisadores têm como obrigação, a produção intelectual e, para alguns, artística. Mas, como esse trabalho pode chegar ao público?

Uma saída para este impasse é a produção, sendo possível ao pesquisador utilizar os meios de comunicação como instrumento interativo. O rádio é um meio tradicional e já conhecido no processo de educomunicação. Nessa perspectiva, os pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina, Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti (2008), destacam o pensamento de Mário Kaplún, um dos pioneiros no processo de democratização dos meios de comunicação, em especial na América Latina:

Podemos concluir que as propostas de Kaplún para a utilização dos meios de comunicação como forma de promover a constituição de uma massa crítica e a compensação de um sistema educacional falho, ajudando a diminuir as desigualdades sociais e a promover o desenvolvimento, mantém hoje a mesma atualidade de suas publicações (MEDITCH & BETTI, 2008, p. 10).

O ideal de Mario Kaplún continua a influenciar diretamente os comunicadores e os educadores populares (PINTOS, 2001), mas foram as propostas de Bertolt Brecht (2005), com a sua *Teoria do Rádio – 1927-1932* e, em particular à divulgação científica, de Walter Benjamin (1986), que o processo de radioeducação começa a conquistar adeptos.

A palestra radiofônica de Walter Benjamin para o público infanto-juvenil revela a Bastilha como um instrumento de poder, destinada a ser, no século XVIII, não só lugar de presos políticos e presos policiais, bem como o espaço de lazer da nobreza parisiense. Benjamin estremeia à narrativa do homem da máscara de ferro observações sobre: formas de detenção e tratamento de detentos, sistemas de comunicação entre eles, prevenções contra escândalos, corrupção administrativa, finalizando com a história da administração da justiça. A intenção benjaminiana era popularizar ideias científicas decorrentes de uma prática de democratização do rádio (LOGE, 1989, p. 17).

O texto “A Tomada do Rádio e da Bastilha por Walter Benjamin” foi publicado na *Revista Comunicações e Artes*, em novembro de 1989, pelo professor da Escola de Comunicações e Artes, Celso José Loge. O resumo do ensaio é uma síntese do trabalho radiofônico do pensador alemão que, segundo o autor, foi convidado pelo diretor da Rádio Frankfurt/Main, Ernest Scholem, para fazer palestras radiofônicas (remuneradas) a respeito de livros, questões culturais etc.

O professor da ECA/USP cita o texto “Dois tipos de popularidade: observações sobre a radiopeça” (1986) para contextualizar o pensamento de Walter Benjamin acerca do rádio. Segundo Loge (1989, p. 18), em relação à popularização do estilo tradicional que omitia os pensamentos mais difíceis do conhecimento científico consolidado e experimentado, como, por exemplo, o que fazia o livro didático, Benjamin coloca o rádio enquanto veículo de popularização abrangente e intenso.

[...] Pois aqui se trata de uma popularidade que não apenas orienta o saber em direção ao público, mas, ao mesmo tempo, o público em direção ao saber. Em suma: o interesse autenticamente popular é sempre ativo, transforma a matéria do saber e atua sobre a própria ciência [...]. Foi essa a intenção de minha tentativa (BENJAMIN *apud* LOGE, 1989, p. 18).

Celso José Loge revela ainda que, na peça radiofônica *Tomada da Bastilha*, Benjamin tenta uma experimentação acerca da linguagem, a arte de narrar, a possibilidade de recrutar histórias antigas para evocar o passado, entender o presente e sonhar com o futuro (LOGE, 1989, p. 19). Como base na perspectiva da análise de Loge sobre o trabalho de Walter Benjamin é que se procurou construir um programa de rádio com enfoque educativo-cultural, respeitando a linha editorial da Rádio USP FM 93,7. Esta premissa é a base deste artigo que propõe uma reflexão acerca da produção intelectual em rádio, tendo como o objeto um programa cujo escopo seria de levar ao público o pensamento de um pesquisador brasileiro sobre *estudos contemporâneos*. Utilizou-se de recursos usuais, como a entrevista, a leitura de trechos de obras impressas (como trechos de livros) e músicas. A técnica escolhida pode ser diferente, mas a intenção é a mesma do pensador alemão, ou seja, a de popularizar as ideias científicas – de determinada produção intelectual – por meio da democratização dos meios de comunicação, no caso o rádio.

## O PROGRAMA

O Programa Especial foi planejado com a intenção de debater a produção do conhecimento do professor, pesquisador e artista visual Wilton Garcia a respeito do tema. A estratégia inicial seria a de utilizar as publicações e a trajetória dele como gancho para a discussão em torno do conceito de *estudos contemporâneos*. Após consenso entre os produtores e o protagonista, ficou decidido que o melhor formato seria o de perguntas e respostas; ou seja, a entrevista. A diferença é que as perguntas seriam inseridas para auxiliar o entrevistado no desenvolvimento do tema. A função do entrevistador era auxiliar o convidado no desenvolvimento da proposta, justamente para evitar possíveis lacunas durante a gravação.

O pré-roteiro serviu para orientar o produtor Carlos Augusto Tavares Júnior, radialista e, na época, aluno de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Solicitou-se ao professor Wilton que indicasse as músicas de sua preferência, que seriam inseridas posteriormente como forma de ilustração do programa, sendo que as músicas escolhidas foram *Memorial* e *Misere* de Michael Nyman (as duas foram usadas nas sonoras, apenas para variação de trecho); *Guardanapos de Papel* e *Rouxinol* de Milton Nascimento e *Sereníssima* e *Baader Meinholf Blues* (trilha musical: violão, baixo e bateria) do Legião Urbana.

Ficou decidido, ainda, que o entrevistado faria a leitura de trechos de suas publicações. Apenas duas partes: o conceito de *usuário-interator* e o prefácio do Livro *Feito aos poucos\_ anotações de blog* (2013) seriam lidos, respectivamente, pelo produtor Carlos Augusto Tavares Júnior e pelo mediador, professor Luciano Victor Barros Maluly.

O pré-roteiro foi pensando em conjunto, o que facilitou a gravação. Além disso, o envolvimento discente e docente proporcionou uma interação com o objetivo de repassar à comunidade externa à Universidade um pensamento limitado ao universo acadêmico. O rádio foi o meio escolhido pela facilidade de produção, conhecimento dos envolvidos (no caso, os produtores) e pelo acesso à Rádio USP 93,7, emissora educativa da Universidade de São Paulo, que concedeu espaço para a transmissão do programa. A gravação foi realizada no Estúdio Laboratório João Walter Sampaio Smolka (1931-2002) do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP, em 20 de março de 2014. Durante a gravação, ocorreram mudanças no roteiro. Assim, alguns trechos foram modificados pelo mediador e pelo protagonista na busca de facilitar o desdobramento da linguagem acadêmica. Da mesma forma, o produtor interferiu ao solicitar uma conversa aberta e solta, com o roteiro servindo como referencial para o entrevistado e o entrevistador.

A Rádio USP FM 93,7 realiza um trabalho diferenciado de abertura para com a comunidade acadêmica. Vários programas são produzidos por alunos e professores, entre eles, o *Universidade 93,7*, sempre aos domingos, das 11h30 às 12 horas, desde 2008, com o áudio também sendo disponibilizado pela Internet nos sites da emissora e do programa<sup>3</sup>. O programa é conduzido pelos alunos do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, sendo utilizado, também, por professores e pesquisadores da Escola de Comunicações e Artes para a divulgação de trabalhos acadêmicos<sup>4</sup>. Dessa forma, este espaço foi disponibilizado para transmissão do programa a respeito de *estudos contemporâneos*, mas com um diferencial: o programa teria uma hora de duração e foi transmitido no dia 23 de março de 2014.

3. [www.radio.usp.br](http://www.radio.usp.br) e [www.eca.usp.br/radiojornalismo](http://www.eca.usp.br/radiojornalismo) Acessos em 15 de março de 2015.

4. Vale destacar que essa Emissora tem tradição na produção de programas de divulgação científico-educativa, tanto que o programa *Cantores Bons de Bico* tornou-se referência à comunidade acadêmica. O programa é uma série sobre os pássaros cantores brasileiros realizado pelo Núcleo José Reis de Divulgação Científica, com a coordenação da professora Gisela Swetlana Ortriwano, do biólogo Ricardo Gandara Crede e da ex-coordenadora de Pesquisa do Núcleo José Reis, Glória Kreinz. A série foi veiculada de outubro de 2003 a dezembro de 2004, com os áudios também disponíveis no site [www.radio.usp.br](http://www.radio.usp.br). Com duração média de 3 minutos, a produção era composta por vinhetas, músicas selecionadas sobre o tema, áudios dos cantos dos pássaros e textos - transmitidos pelos locutores - com principais dados sobre o tema. O interessante é a cooperação entre os pesquisadores de diversas áreas, que conseguiram transmitir peculiaridades de um tema específico.

**TEC VINHETA DE ABERTURA – UNIVERSIDADE 93,7**

**TEC BG/SD MÚSICA – Wilton escolhe uma música de preferência - Michael Nyman**

**TEC – CRÔNICA - WILTON FEITO AOS POUCOS (1) – LEITURA WILTON OU OUTRO Obs: escolher um dos textos**

+ Bom dia, ouvintes. Meu nome é Luciano Maluly, professor de radiojornalismo da ECA/USP e a produção deste programa é de Carlos Tavares Júnior.

+ Você acabou de ouvir o texto *Imagens e Vertigens* do livro FEITO AOS POUCOS\_ANOTAÇÕES DE BLOG.

+ Mais uma vez, eu solicitei este espaço para os alunos de jornalismo para conversar com um dos mais importantes pensadores sobre comunicação e cultura do país, que é autor do trecho que vocês ouviram texto acima.

+ Vamos ouvir um pouco sobre a trajetória dele.

**TEC BG/SD – Wilton escolhe uma música de preferência - Legião Urbana**

+ Graduado em Letras pela PUC de São Paulo, também é mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e Pós-Doutor em Multimídia pelo Instituto de Artes da Unicamp.

+ Trabalha com fotografia, internet, performance e vídeo, com experiência na área de artes, comunicação e design.

+ Diante dos chamados *estudos contemporâneos* investiga temáticas de consumo, corpo e imagem.

+ É professor da FATEC-ITAQUAQUECETUBA e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNISO (Universidade de Sorocaba).

+ É autor de diversos livros, como O METROSSEXUAL NO BRASIL e CORPO, MÍDIA E REPRESENTAÇÃO, ambos sobre *estudos contemporâneos*.

+ Já o último livro é FEITO AOS POUCOS\_ANOTAÇÕES DE BLOG sobre as suas experiências digitais.

+ Estamos falando do professor, pesquisador e artista visual, Wilton Garcia.

+ (!) Wilton, muito obrigado pela presença!

**RESPOSTA/WILTON**

+ Neste programa, vamos conversar sobre ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS, que é a base do pensamento de Wilton Garcia.

+ (?) Wilton, o que são *estudos contemporâneos*?

**RESPOSTA/WILTON**

+ Este pensamento está presente na maioria de suas obras, sendo uma construção que começa com seus estudos sobre cinema, em particular com Peter Greenaway, autor de filmes como o *Cozinheiro, o Ladrão, sua mulher e o amante*, do qual ouvimos a trilha já no início do programa.

+ Conta um pouco para gente sobre essa experiência.

**RESPOSTA/WILTON (Wilton lê também um trecho do livro)**

**TEC BG/SD – MÚSICA Wilton escolhe uma música de preferência (Michael Nayman)**

+ As suas pesquisas também estiveram relacionadas ao entendimento da Homocultura.

+ Foi assim que você publicou o seu primeiro livro A FORMA ESTRANHA: ENSAIOS SOBRE HOMOEROTISMO E CULTURA.

+ (?) Como foi o início dessa perspectiva, ou seja, qual era a sua preocupação naquele momento?

**RESPOSTA/WILTON (Wilton lê também um trecho do livro)**

**TEC VINHETA DE PASSAGEM– UNIVERSIDADE 93,7**

**TEC BG/SD MÚSICA – Wilton escolhe uma música de preferência – Legião Urbana**

+ Logo depois, surge o livro HOMOEROTISMO E IMAGEM NO BRASIL, que foi fruto de sua pesquisa de doutorado.

+ (?) Qual é a sua preocupação nessa pesquisa, particularmente com a imagem?

**RESPOSTA/WILTON**

**RESPOSTA/WILTON (Wilton também lê também um trecho do livro)**

+ Estamos conversando com o pesquisador, professor e artista plástico Wilton Garcia sobre o tema ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS.

+ Uma outra vertente do seu trabalho diante dos *estudos contemporâneos* foram retratados nos livros CORPO, MÍDIA E REPRESENTAÇÃO e mais recentemente na obra O METROSSEXUAL NO BRASIL.

+ Nesses livros, a sua linguagem é mais acessível ao público.

+ (?) Qual foi a sua intenção?

**RESPOSTA/WILTON**

**TEC BG/SD MÚSICA – Wilton escolhe uma música de preferência (Milton Nascimento)**

+ (?) O conceito de usuário-interator já é muito utilizado. Gostaria que você explicasse esse pensamento?

**RESPOSTA/WILTON**

**TEC – Sonora Carlos Tavares lê trecho sobre o conceito de USUÁRIO-INTERATOR**

+ No seu último livro FEITO AOS POUCOS\_ANOTAÇÕES DE BLOG, você retrata a sua experiência com as mídias digitais.

+ (?) Revele para a gente o seu pensamento sobre esse universo?

**RESPOSTA/WILTON**

+ (?) Voltando ao livro, o que você pretendeu revelar?

**RESPOSTA/WILTON**

**TEC BG/SD – MÚSICA SOBRE O TEMA Wilton escolhe uma música de preferência – Milton Nascimento**

+ O programa está chegando ao final e o microfone está aberto para suas considerações finais.

**RESPOSTA/WILTON**

+ Muito obrigado a todos e até o próximo Universidade 93,7.

+ Os trabalhos técnicos foram de Carlos Tavares Júnior.

+ Para terminar, eu vou ler o prefácio que escrevi sobre FEITO AOS POUCOS\_ANOTAÇÕES DE BLOG.

**TEC TRECHO LUCIANO POUCOS\_ANOTAÇÕES DE BLOG.**

**TEC VINHETA DE ENCERRAMENTO**

**Figura 1. Pré-Roteiro do Programa sobre estudos contemporâneos**

## ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS

Tal experimentação delinea o saber atestado pela complexidade (o *complexus*) efervescente e contínua do pensamento desdobrado em uma infinita fluidez (ação) sobreposta no contexto/objeto. Com isso, o contemporâneo contempla atividades que cooperam entre si – como desígnio de auto-realização, *autopoiesis* (MATURANA, 1997). Elas compõem uma experiência (inter)mediada por uma manifestação quase indescritível do objeto. Trata-se de uma proposta crítico-conceitual que equaciona estética, técnica e ética. Ou seja, relacionam-se aspectos econômicos, identitários, socioculturais e políticos, a partir de *estudos contemporâneos* (BAUMAN, 2008, 2013; CANCLINI, 2008; EAGLETON, 2012; GUMBRECHT, 2010; HALL, 2005; PELBART, 2013; VARGAS-LLOSA, 2012; VILLAÇA, 2011), a efetivar produção do conhecimento.

A expectativa dos *estudos contemporâneos* seria investigar um contexto capaz de prolongar a expressão de novas/outras” possibilidades, a evidenciar uma dinâmica que pontua a fruição de diferentes áreas do conhecimento, tais como: arte, comunicação, design, moda e publicidade. Essas áreas desdobram-se o interdisciplinar (BASSIT, 2010) e convergem em redes de coordenadas de conversações (MATURANA, 1997). Isso se arma pela compreensão do objetivo proposto: tentar inovar e avançar a discursividade agenciada pelas estratégias que informam acerca de mercado-mídia, que vetoriza o consumo. Como desdobramentos dessas implicações, aciona-se uma atmosfera investigativa interdisciplinar sobre as tramas do corpo.

Com efeito, a área dos *estudos contemporâneos* associa e desdobra os *estudos culturais* – em suas variantes (o multiculturalismo, o pós-colonialismo e a diáspora) – às *tecnologias emergentes*. Verifica-se um esforço congruente que estimula a sinergia entre diferentes correntes do pensamento. Nesse sentido, tais estudos atualizam a cooperação entre discursividades contemporâneas, cujo escopo concentra-se na discussão teórica e prática acerca de responsabilidades socioculturais, políticas e identitárias (HALL, 2003). Importante destacar que essas responsabilidades possibilitam fluxos de informações as quais transitam em diferentes segmentos acadêmicos e/ou mercadológicos. Consta-se um enlace, por exemplo, entre escola e empresa. Grosso modo, são estudos que exibem e investigam um fértil território de agenciamento/negociação.

Tanto nos *estudos culturais* quanto nas *tecnologias emergentes*, a reflexão a respeito da proposição binária (centro/periferia, hegemônico/subalterno, opressor/oprimido ou tradicional/moderno) demonstra ser ineficaz, bem como reduz a possibilidade de indagar outras abordagens teóricas mais avançadas, que debatem a realidade, de fato. Esse posicionamento serve como contraponto de agenciamento/negociação da exclusão de termos. Os *estudos contemporâneos*, assim, permeiam as fronteiras de qualquer sistema, em que há uma agudeza com o limite conflitivo da tentativa de uma voz de domínio/controlado – com o discurso hegemônico *mainstream* – já estabelecido.

O campo contemporâneo da comunicação, por exemplo, estratifica-se no viver compartilhado pela tecnologia e pela lógica do mercado-mídia que acentuam o impacto do consumo. O violento volume das manifestações pulsante na sociedade está efetivamente (de)marcado pelo consumo, cada vez mais enfático de táticas ferozes, com seus enunciados eloquentes. Por isso, vale o pensar. São muitas as possibilidades comunicacionais do sujeito no cotidiano, em sua sujeição (inter)subjetiva contingencial.

Entre natureza e cultura urge o sujeito envolto ao ato comunicacional. Para garantir um diálogo, é preciso que a memória esteja viva. Tão viva quanto à possibilidade de o pensar (*saber*) e o agir (*fazer*), que consolidam uma sutura a se estender nas artimanhas de teoria e prática. Ao reiterar o pensar e o fazer, a atualização incorpora fatos que surgem com a experiência cotidiana na aplicação da pesquisa – daquele instante da produção de conhecimento – como ato constituinte de atualizar o saber e o fazer.

Olhar para os *estudos contemporâneos* seria (re)considerar as atualizações e as inovações recorrentes na sociedade contemporânea. Para o mercado, inovar seria, decididamente, criar “novos/outros” produtos e/ou serviços. Para a mídia, cabe o lançamento de novidades; a bola da vez. “Nenhum estilo de vida na história tem sido mais amante da transgressão e da transformação, mais emaranhado do hibridismo e do pluralístico do que o capitalismo” (EAGLETON, 2005, p. 166). O capital é um referente significativo que comanda e atualiza a lógica mercadológica, que inclui a dita contemporaneidade. Com isso, destaca-se o consumo no mercado-mídia, na atualidade, de acordo com distintas maneiras de experimentar, avaliar e conferir o processo de desenvolvimento como produção de conhecimento. Segundo Baitello Jr. (1997, p. 78):

O contemporâneo apresenta-se como rede na qual os acontecimentos se desenvolvem indissoluvelmente associados ao seu contexto. Nada se dissocia de nada, tudo se associa a tudo. A causa se transforma em caso e inaugura com isto uma reação em cadeia da qual o receptor participa com sua presença, com sua percepção, com suas emoções. Acontecimento e percepção do acontecimento são temporalmente inseparáveis. O contemporâneo destrói a temporalidade; resta apenas a simultaneidade como elo que liga o que passou com o que está por vir.

Do que comporta o cotidiano, o campo contemporâneo da comunicação agencia/negocia “novas/outras” chances de estabelecer mensagens significativas de diálogo e adesão. Observa-se esse tipo de experiência vinculada ao consumo atualmente. Nessa sociabilidade de acontecimentos, (re)dimensiona-se a troca de informações, cujo desafio inscreve a força do passado, na memória, que se presentifica (GUMBRECHT, 2010).

Para Beatriz Sarlo (2007, p. 9) “O retorno do passado nem sempre é um momento libertador, mas um advento, uma captura do presente”. Entre o presente e o passado, determinado momento pode ser absorvido pelos elementos disponíveis na cena memorável, pelas derivativas do *aqui-agora*. Essa noção de contemporâneo destaca enfrentamentos para além o fator temporal a ser agraciado por sua própria conceituação. Isto é, uma noção muito além do cronológico que exprime o agora, o hoje o atual. Aqui, o conceito de contemporâneo tem mais valor. De acordo com Homi Bhabha (1998, p. 23):

“Além” significa distância espacial, marca de um progresso, promete o futuro; no entanto, nossas sugestões para ultrapassar a barreira ou limite – o próprio ato de ir *além* – são incognicíveis, irrepresentáveis, sem um retorno ao “presente” que, no processo de repetição, torna-se desconexo e deslocado. O imaginário da distância espacial – viver de algum modo, além da fronteira de nossos tempos – dá relevo a diferenças sociais, temporais, que interrompem nossa noção conspiratória da contemporaneidade cultural.

Assim como o autor dos *estudos culturais* pensa o termo “além”, o mesmo equivale à sua própria expressão “quase que”. Se o primeiro visa ultrapassar o objeto e sua representação,

o segundo tenta atingir uma condição anterior. Nesse caso, o contemporâneo indica circunstâncias previstas sobre algo do mesmo tempo, que vive na mesma época vigente. Ser presentificável ou comparecível a um referente – portanto, não deixa de ser sintoma de alguma coisa. Já a extemporalidade (o que está fora do tempo) abole tal propósito. As diretrizes de espaço-tempo, no entanto, auxiliam na contextualização e localização de objetos, sujeitos e suas representações. Uma efervescente passagem da ação diacrônica (marcada pela condição temporal: o já agora), à ação sincrônica (marcada pela condição espacial: relacional, da simultaneidade).

Nesse bojo, vale a pena investir um olhar crítico-conceitual, capaz de estabelecer uma abertura flexível acerca da contemporaneidade como atualizações emergentes. O que urge, de imediato. Diante da emergência que aproxima pensamento e experiência. O enfoque acerca do contemporâneo, deste modo, visa alertar o que ocorre, agora, no evento/acontecimento. Diante da urgente necessidade, verifica-se o que está na agenda do debate. Mais que indicar uma questão temporal, a ideia de contemporâneo denomina um território de reflexões e desafios, em que noções, premissas, pressupostos, fundamentos e conceitos são (re)visitados, (re)lidos e (re)atualizados. Isso garante um exercício laboratorial do pensamento sobre as recorrências da sociedade atual.

Há quem defenda a idade contemporânea instaurada por determinado campo da história, compreendida a partir da Revolução Francesa até os dias atuais, muito embora, fique a controvérsia de estabelecer essa larga e distante temporalidade. Tal idade contemporânea se pontuaria pelo regime capitalista no ocidente e, consequentemente, pelas disputas e hegemonia das grandes potências mundiais. Logo, constata-se a precariedade de resultante para apontar esse lugar do contemporâneo.

O contemporâneo ressalta como enigma de deslocamentos acelerados da representação das coisas no mundo. A expectativa acerca de uma representação no contemporâneo (re)qualifica-se mediante frenéticas alterações, as quais colocam em evidência, estrategicamente, sua própria expressão. Tais alterações demonstram uma experiência, cada vez mais, superficial e instável. Nesse caso, somente seria possível causar efeito diante de uma situação impactante. O que surpreende. A novidade. O fascínio pela perplexidade expressa uma emoção tenaz com a (re)dimensão de atos surpreendentes, excessivos. Caso contrário, não há resposta.

No contemporâneo, as coisas alteram-se – de modo instantâneo, imediato – sem necessariamente operacionalizar uma síntese de pensamento (teórico) ou realização (prática) de algum desfecho. Há mudanças. Torna-se quase impossível haver apenas um ponto de vista exclusivo, fixo para uma resposta concreta. As coisas padecem de ser agenciáveis, negociáveis: nada de esgotamento.

Questões abertas e propostas pela contemporaneidade parecem impossíveis para o(s) observador(a) tomar um único ponto de vista: uma mera verdade. A noção de verdade está, amplamente, relativizada pela dinâmica da verossimilhança. Portanto, não há certo ou errado em uma resposta que tenta suprir uma pergunta, pois se deve ponderar aquilo que se aproxima e/ou distancia do propósito indagado. Ou seja, os parâmetros da relatividade continuam em alta.

Dessa forma, os *estudos contemporâneos* mapeiam e entrecruzam diferentes conceitos, teorias, métodos, técnicas e críticas atuais, a fim de realizar (inter)mediações

de experiências, cujos aspectos sincréticos reforçam as malhas (inter/trans)textuais. Estrategicamente, o fluxo de intercâmbio (re)vela um registro aberto – em constante transformação – e, por isso, necessita de uma ordem intercambial. Embora, intercambiar seria muito mais que trocar informações, pois garante o desdobramento sistêmico, fazendo com que cada eixo, cada percurso, cada bifurcação articule a dinâmica de resultados híbridos. Isso só é possível com um pensamento contemporâneo capaz de validar aberturas necessárias para trocas e/ou intercâmbios (re)feitos em compartilhamento de ideias e soluções criativas. Dito de outra maneira, o esforço desses estudos restitui uma tentativa de atualizar a escritura de ideias e conceitos que possam renovar a efetivação do discurso atento à sociedade. Atualizar refere-se à disposição de uma condição adaptativa para deslocar os enunciados discursivos. Atualizar implica mais que considerar as (re)configurações que inovam, reinscrevem, reinventam os dados do produto, do objeto, do resultado. No discurso da contemporaneidade, utilizo o termo “atualizar” para apontar “novos/outros” parâmetros, que às vezes podem ser mais coeso e/ou coerente, dependendo da flexibilidade e do deslocamento necessário dos enunciados. Assim, revolve-se a ideia de contemporâneo. Ao tentar atualizar um discurso aproxima-se do contexto reformulado como nova imagem, nova aparência, nova possibilidade, novo caminho. Destaque: atualizar requer aproveitar/otimizar recursos e diretrizes, já instalados (ou a serem), para se obter remodelações que intensificam a vivacidade de cada ação atualizadora, como somatório constante de (re)formulações e novidades. Somatório que pode gerar danos tanto positivos quanto negativos, dependendo de sua incursão técnica. Eis a imagem: quanto mais, melhor – como bola de neve! Para tanto, pretende-se relacionar a cada objetivo específico, uma atenção específica.

Os *estudos contemporâneos* podem ser julgados como experimentação intelectual, uma proposição emergente – algo novo, ainda em discussão. Isso demonstra uma articulação peculiar de estratégias discursivas em processo. Tais estratégias são mecanismos que (re)instauram a condição adaptativa do objeto, cuja leitura crítica apoia-se nos *estudos contemporâneos*. Esse último suplementa categorias como: alteridade, ambiguidade, desejo, diferença, gênero, imaginário, intertextualidade, ironia, fronteira, poética, resistência e subjetividade. O movimento meticuloso desses estudos serve para “novas/outras” derivativas se expandem e estão empenhadas na promoção do conhecimento humano e sua carga afetiva.

As impressões acerca do contemporâneo inserem “novas/outras” abordagens e leituras crítico-conceituais dos enunciados no trânsito mercadológico e/ou midiático. Ecologia, consumo, globalização, meio ambiente, sustentabilidade, por exemplo, envolvem algumas drásticas transformações recorrentes, mediante a urgência do debate. O modo de olhar contemporâneo tenta transformar imagens, contextos, objetos, produtos e/ou processos. Mudanças que com sua voracidade afetam o intempestivo cotidiano; que reitera a morada das coisas no mundo. Mudar para melhorar! Por isso, patamares, cada vez mais agenciados/negociados, derrubam limites que circundam determinadas fronteiras. Fronteira aqui serve para ser abolida. Consideram-se, inclusive, as fronteiras que operam a comunicação do sujeito. Portanto, os territórios das representações replicam-se acidentais, contaminados, contingenciais, híbridos, mestiços, relativos e sincréticos. Os deslocamentos de posicionamentos econômicos, identitários, socioculturais e políticos promovem um fluxo recorrente de instabilidades.

Na vulnerabilidade de espaço-tempo, o contemporâneo agrupa e reformula pontos de investigações crítico-conceituais que se desdobram com a prática e o pensamento (re)inscritos por avanços e avatares tecnológicos – sobretudo com as implementações dinâmicas da cultura digital. Efetivam-se noções de interface e interatividade que, atualmente, se impõem pela possibilidade de sincretizar linguagens (verbais e/ou não verbais) hipermediáticas, em *tecnologias emergentes*. Sem utopia, a ideologia se transpõe, agora, à tecnologia. Mudou o destino dos fatos. Bússola nova. Trocam-se as velhas posições conservadoras pela novidade sofisticada dos aparatos tecnológicos da cultura digital. Assim, a cultura digital sem a impressão humana não é nada, porque necessita de um valor representacional. Ou seja, o desenvolvimento tecnológico deve se basear, também, na preocupação sociocultural e política. Isso constitui uma mudança de paradigma, uma vez que aciona o estado de percepção-cognitiva, no qual envolve o ser/estar do sujeito contemporâneo. Isso é fundamental para legitimar sua posição social.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção de contemporâneo, portanto, recorre-se de instabilidades a fluir uma dinâmica muito própria, (de)marcada por um estado eminentemente provisório, parcial, inacabado e efêmero, em um grau significativo de indecidibilidades (BHABHA, 1998), com expressões incomensuráveis. Ou seja, deslizante, latente, pulsante, plural, multidimensional. Diante de tamanha instabilidade, sem dúvida, isso requer (re)pensar a respeito das ações pulsantes, latentes, que estremecem e acusam efeitos de sentidos. Alto grau de instabilidade recombina conceitos, dados, informações e inquietudes.

Essas instabilidades ilustram as expressões que associam uma condição contemporânea, capaz de prever a flexibilidade e o deslocamento como atividades inerentes à linguagem e suas caracterizações: não-linear, fragmentada, descontínua, simultânea, heterogênea, sincrética, acelerada, aberta, hermética, paródica, incompleta e impactante. Porém, cuidado ouvinte/leitor/a, pois diante da gama de distintas inserções não seria um “vale-tudo”. Pelo contrário, a eclética (re)paginação paradoxal dos dados tenta (re)inscrever os objetos, sujeitos e suas representações no contemporâneo. Ainda que acarretem uma possibilidade de risco, já que o perigo apresenta-se pelo desconhecido: aquilo que está por vir. São resíduos que compreendem e acusam o efeito – longe da busca de sentido –. O efeito verte um atrator significativo para ressaltar impacto, surpresa, inovação e novidade. Esses feixes de efeitos equacionam uma maior distensão a representação e contexto, sobretudo na escritura expandida pela atualidade. Experimentar, nesse caso, seria a palavra de ordem, em que as coisas podem ser tocadas e as novidades ressurgem com a artimanha interativa de envolver os participantes. Seria intervir nas coisas do mundo para mudar. É renovar as (de)marcações com a força das mudanças registradas pelo deslocamento de ideias e ideais.

As resultantes, aqui, problematizam elementos das relações humanas na discussão sobre a comunicação, capital e desigualdade social, o que preocupa o acesso para que a informação chegue ao público leigo. Por isso, esses estudos possibilitam um posicionamento teórico e político.

E foi assim, por meio deste pensamento, que se apresentou a proposta de um programa intelectual, com a intenção de aproximar a academia do cidadão. Independente

do formato, o ouvinte tem, ao ligar a estação de rádio, a opção de sintonizar um conteúdo diferenciado, produzido por educadores que, assim como Walter Benjamin (1986, p. 86) desejam construir “uma popularidade que não apenas orienta o saber em direção ao público, mas, ao mesmo tempo, orienta o público em direção ao saber”.

## REFERÊNCIAS

- Baitello Júnior, Norval (2010). *A serpente, a maçã e o holograma*: esboços para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus.
- Bauman, Zygmunt (2008). *Vida para o consumo*: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. (2013). *Danos colaterais*: desigualdades sociais numa era global. Rio de Janeiro: Zahar.
- Benjamin, Walter. 1892-1940 (1986) O que os alemães liam, enquanto seus clássicos escreviam/ Dois tipos de popularidade: observações básicas sobre uma radiopeça. In: Bolle, Willi (Org). *Documentos de cultura, documentos de barbárie*: escritos escolhidos. São Paulo: Cultix/Edusp, 63-86.
- Brecht, Bertolt (2005). Teoria do Rádio (1927-1932). In: Meditch, Eduardo (org.) *Teorias do rádio*. Florianópolis: Insular, 35-45.
- Canclini, Néstor Garcia (2008). *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras.
- Eagleton, Terry (2012). *Marx estava certo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Garcia, Wilton (2013). *Feito aos poucos\_ anotações de blog*. São Paulo: Factach/Hagrado.
- Gumbrecht, H. U (2010). *Produção de presença*. Rio de Janeiro: Contracampo.
- Hall, Stuart (2002). *Identidade cultural pós moderna*. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- \_\_\_\_\_. (2003). *Da diáspora*: identidades e mediações culturais. Liv Sovik (org.). Belo Horizonte: EdUFMG.
- Kaplún, Mario (1994). *Producción de Programas de Radio*: el guión: la realización. Cidade do México: Editorial Cromocolor.
- Loge, Celso José (1989). A Tomada do Rádio e da Bastilha por Walter Benjamin. *Revista Comunicações e Artes*. Ano 14. Número 22. São Paulo: ECA-USP, 17-27.
- Meditch, Eduardo; Betti, Juliana Gobbi (2008). Mario Káplun: teoria e técnica radiofônica a serviço da emancipação latino-americana. In: *Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Natal (UFRN): Intercom.
- Meditch, Eduardo (org.) (2005) *Teorias do rádio*. Florianópolis: Insular.
- Marturana, Humberto (1997). *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: EdUFMG.
- Ortrivano, Gisela (1985). *A informação no rádio*: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus.
- Pelbart, Peter Pál (2013). *O avesso do niilismo*: cartografias do esgotamento. São Paulo: n-1.
- Pintos, Virginia Silva (2001). Mario Kaplún: La Comunicación como actitud de vida. In: Pensamento Comunicacional Lationamericano, *Revista Científica Digital*, Cátedra Unesco de Comunicação. Volume 1. Número 4. São Bernardo do Campo: Metodista/Cátedra Unesco de Comunicação, Julho/Agosto/Setembro de 2001.
- Sarlo, Beatriz (2000). *Tempo passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: UFMG.
- Vargas-Llosa, Mario (2012). *La civilización del espectáculo*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Afaguara.

## SITE

[www.eca.usp.br/radiojornalismo](http://www.eca.usp.br/radiojornalismo)  
[www.radio.usp.br](http://www.radio.usp.br) (Recuperado em 10 de março de 2015)